

## **O NOVO OLHAR DE MÁRIO DE ANDRADE PARA O NORTE E NORDESTE BRASILEIRO**

SANDRA MARIA LUVIZUTTO GONÇALVES (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUCSP).

### **Resumo**

Profundas transformações sociais, econômicas e políticas ocorreram no mundo a partir do século XVIII. Essas mudanças propiciaram uma nova maneira de ver e perceber o mundo, abrindo caminho para uma nova era, a era da Modernidade. O homem moderno se destituiu dos conceitos soberanos, fazendo tudo girar em torno de questionamentos críticos. É a partir dessa diferente maneira de ler o mundo que, na primeira metade do sec. XX, surge o movimento modernista. No Brasil, esse movimento aspirava à reverificação de teorias e mesmo à remodelação da inteligência nacional. Dentro desse cenário provocador encontra-se nosso proeminente escritor brasileiro Mário de Andrade. Diferentemente dos turistas burgueses que faziam viagens de recreio seguindo a rota Brasil-Europa, o itinerário de Mário fora, em maio de 1927, sair do Sul europeizado para a região amazônica e, em 1928, para o Nordeste brasileiro. Todo conhecimento apreendido dessas viagens foram compilados em um livro intitulado "O turista aprendiz". Sendo Mário um homem moderno, mas conservador por ser educado por meio dos conceitos europeus, é pertinente investigar como a obra "O turista aprendiz" aborda o encontro do "ser bem-arranjadinho" europeizado com o ambiente selvagem e rude da Amazônia e como o narrador de "O turista aprendiz" traduz o olhar do homem moderno. Pode-se afirmar, então, que a tensão entre o homem clássico e o moderno, entre Mário e o mundo, marcará todo o percurso realizado pelo turista. O viajante está imerso num ambiente provocador e instigante que o encherá de dúvidas, reflexões e questionamentos. Nesse sentido o presente trabalho pretende apontar o esforço do homem moderno em se destituir dos vícios da cultura dominante para apreender o objeto ora como um observador que investiga, ora como um ser seduzido, absorvido pelo Outro, criando, assim, um universo polifônico, rico em adversidades culturais. Mário se mostra, então, um ser inacabado, a caminho, em permanente evolução.

### **Palavras-chave:**

Modernidade, Mário de Andrade, Turista aprendiz.

Muitos acontecimentos contribuíram para a chegada da Idade Moderna: o Renascimento, a Reforma e o descobrimento da América, a instituição bancária, o nascimento do capitalismo mercantil e o surgimento da burguesia, os ricos projetos de reforma social ocorridos no século XVIII por meio das revoluções científica e filosófica. Essas mudanças alteraram os conceitos e as idéias vigentes, fazendo com que o [progresso, evolução, liberdade, democracia, ciência, técnica] se convertessem nas palavras-chave da Idade Moderna. A verdade absoluta que norteou o mundo até esse período caiu por terra e em seu lugar ficou a crítica. Crítica do mundo, do presente e do passado, das certezas e dos valores tradicionais. Segundo Otávio Paz (PAZ, 1986), a modernidade começa "...como uma crítica da religião, da filosofia, da moral, do direito, da história, da economia e da política. A crítica é seu traço diferencial, seu sinal de nascimento. Tudo o que foi a Idade Moderna tem sido obra da crítica, entendida esta como um método de pesquisa, criação e gosto" (p.34).

As figuras da modernidade são a analogia, que se insere no mito, e a ironia, enquanto que a analogia trabalha com o tempo cíclico feito de aparições e desaparecimentos, mortes e ressurreições. A ironia é a dissonância, aquela que rompe a

regularidade das correspondências, é a exceção, o irregular, a expressão da crítica, representa a queda dos valores absolutos, a morte de Deus e de suas criaturas. Assim a Modernidade é instável, com caráter contraditório, sempre mudando, pois nela habita a exaltação da novidade, do inesperado, que encerra uma série intrincada de mudanças de valores e de comportamento da sociedade.

E, por Modernismo, entende-se um estilo, uma linguagem, uma visão de mundo. Segundo Antonio Candido, foi um movimento que buscava superar as regras e padrões artísticos vigentes, um movimento renovador, baseou-se na concepção de que as formas tradicionais de se produzir artes plásticas, literatura estavam ultrapassadas. Convém esclarecer que a Modernidade iniciou-se no limiar do descobrimento das Américas e que ainda permanecemos na era da modernidade enquanto que o Movimento Modernista compreende um período específico de começo e fim, equivalente a primeira metade do século XX.

No Brasil, o Modernismo surgiu na capital paulistana em 1922, com a Semana de Arte Moderna ramificando-se para outros estados e outras manifestações artísticas. Sua proposta era ampla. Na base, buscava descentralizar o Brasil de uma visão eurocêntrica, romper com as velhas formas de fazer literatura e, desse modo, renovar a sociedade brasileira, de forma a criar uma imagem mais 'real' e adequada de nossa Pátria e do homem brasileiro. Enfim, seus partidários estavam dispostos a elaborar uma espécie de programa estético e ideológico que alijasse todos os discursos importados da Europa, os quais tendiam a uma visão idealizada e romantizada da nação.

É então dentro desse cenário provocador, que aspira à reavaliação de teorias e mesmo a remodelação da inteligência nacional, que se encontra nosso proeminente escritor brasileiro, Mário de Andrade, o qual ansiava destruir o espírito antidemocrático do tempo colonial, principalmente aquele que controlava a língua oficial. Mas sabia que não adiantava somente cortar elos com a gramática ou poéticas portuguesas, era preciso pesquisar a fala, suas diferenças no passado culto e nas tradições da cultura popular, por isso Mário luta pelo direito à pesquisa permanente, o direito aos artistas a atualizarem-se, fazendo suas próprias experiências estéticas, criando técnicas e fazendo a linguagem artística chegar a ser singularmente brasileira, não repetidoras das estéticas já consagradas.

Segundo a pesquisadora do IEB, Telê Porto Ancona Lopez, uma das principais estudiosas da obra de Mário de Andrade, o escritor viajou muito pouco, fez apenas quatro importantes viagens, caracterizadas como turismo cultural, entre elas, uma para o Nordeste e outra para o Norte do Brasil, todo o conhecimento proveniente dessas duas viagens resultou em dois diários, os quais foram compilados em um livro intitulado **O turista aprendiz**, que embora, ainda, ser pouco divulgado é de grande importância para a compreensão da cultura brasileira.

Nessa obra, o escritor nos mostra que embarcou em 1927 de São Paulo para a Amazônia (brasileira, boliviana e peruana) e depois em 1928 para o Nordeste. Através da experiência vivenciada, da observação direta da vida do povo do Norte e Nordeste que Mário reuniu uma versão para-definitiva em 1943, a qual fora organizada pela pesquisadora Telê Ancona Lopez e publicada, postumamente, em 1977.

Partindo do pressuposto de que Mário deseja, ardentemente, apontar um outro contato do homem com a existência, uma ruptura violenta da ordem antiga e de buscar o estabelecimento de uma ordem social que abrangesse tanto o cânone quanto o marginal, o presente trabalho tem por objetivo analisar o olhar do 'estrangeiro', Mário de Andrade, para o Norte e Nordeste brasileiro,

fundamentando-se nas teorias do lingüista Mikhail Bakhtin. Buscando com isso mostrar um diferente enfoque para a Amazônia mítica e para a cultura popular dessas regiões.

Segundo Telê Ancona Lopez, a intenção do escritor, quanto ao gênero do livro, era de organizar a narrativa de viagem em forma de diário, pois o poeta faz questão de informar o local, dia e hora da redação (Ex. "Paraíba, 30 de janeiro, 16 horas)" (ANDRADE, 2002: 20). A opção por esse gênero talvez tenha sido para conseguir manter um caráter de maior veracidade, já que o diário sustenta a ideia da mínima separação entre o vivido e o seu registro pela escrita. E também porque, de certa forma, o diário abre possibilidades de uma escrita mais livre, já que permite registros pessoais, desabafos, pontos de vista, opiniões, e outras maneiras subjetivas de expor os fatos, portanto, Mário não faz um registro frio dos acontecimentos, dos costumes, da fauna e flora, mas sim um discurso que mostra o desejo de experimentar, de viver e sentir cada momento da viagem, em outras palavras, há uma união da poeticidade à referencialidade.

Nesse sentido, é importante esclarecer que, segundo o estudioso Wladimir Krysinski, a viagem, na modernidade, se inscreve como um operador cognitivo. Como o sujeito cognoscente, observador, ocupa uma posição exterior em relação ao sujeito cognoscível, observado, lhe é permitido observar o outro e manifestar seu desejo de empatia e ao mesmo tempo apresentar seu ato representativo, para assim conseguir situar o sentido. Por meio de um sistema de trocas, que consiste em colocar no lugar do desconhecido o familiar é possível materializar o sentido, permitindo, assim, uma melhor compreensão do outro. A partir do século XIX, com o surgimento da antropologia como disciplina, os relatos de viagem aproximaram-se muito dos escritos etnográficos. Esses relatos definem-se como registros científicos, pois o campo visitado deve ser transformado em um espaço de pesquisa interativa intensa. E, ao mesmo tempo, não podem ser limitados a um projeto de descrição científica, "na medida em que a tarefa principal do trabalho é tornar o (quase sempre estranho) comportamento de um modo de vida diferente humanamente compreensível" (CLIFFORD, 2002: 67). O que ocorre, então, é que esses textos de viagem transformaram-se em um gênero de fronteira, influenciando e emprestando recursos de outros gêneros, principalmente literários.

Determinada técnica pode ser encontrada em **O turista aprendiz**, pois a obra nos mostra uma relação alteritária entre o observador e o observado. Permitindo, assim um interagir de experiências. Mário foi se assujeitando, se modificando, permitindo que sua identidade fosse definida de forma histórica e não biológica. Lembremos o linguista russo Bakhtin, quando ele diz que o sujeito é ao mesmo tempo assujeitado (se submete, modifica-se para adequar-se à ordem social em que está inserido) e atuante (interfere e muda tal contexto). Trata-se de uma relação que constitui e é constituída, uma vez que a linguagem não é um sistema fixo e abstrato, por isso permite ao locutor empregar outros sentidos, romper o cerco do sentido já dado, criar outro, renovar. É uma teoria que considera as possibilidades de interpretação como idéias que se complementam por meio de uma relação dialógica.

Dessa forma, vê-se que o turista aprendiz, devagar, foi interagindo com o espaço e modificando seu ponto-de vista, pois esse partiu para o norte brasileiro armado, esperando encontrar um espaço exótico e misterioso. Conforme vemos no recorte da obra de Mário (ANDRADE, 2002):

Às reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade, tribos selvagens, jacarés e formigões. E a minha alminha santa imaginou: canhão, revólver, bengala, canivete. E opinou pela bengala. (p. 51).

Talvez a 'bengala' era um meio para se defender de tudo que pudesse abalar seu pensamento organizado provindo de uma educação rígida e ordenadora. Mas aos poucos seu caráter impregnado de supremacia branca vai cedendo lugar ao ritmo lento e prazeroso do espaço visitado, proporcionando ao escritor o olhar deliberado capaz de perceber a multiplicidade de vozes da vida social, cultural e ideológica brasileira; a diversidade das manifestações artísticas e a diferença de ritmo de vida. É como se o mar representasse não só a travessia de um espaço geográfico, mas também a passagem de um ser "bem arranjadinho" (ANDRADE, 2002: 60), cumpridor rigoroso de seu trabalho para um ser mais leve, mais harmonioso com o espaço. Como podemos verificar em seus próprios relatos, (ANDRADE, 2002),

Que sensações estranha sinto... Em terra mesmo em férias, não sei, ... há uma predeterminação psicológica, que não evita sequer um segundo a noção, o sentimento, não o quê da luta pela vida, ou pelo menos do trabalho. O mar limpa o ser desse estado do ser. (p. 58).

Uma indiferença vasta pelo mundo justifica eu ter vestido o mesmo brim de ontem [...] a personalidade se dissolve, perco caráter e penso com o corpo todo, que vastidão! Não tem dúvida que estou um bocado com vergonha de me entregar assim às delícias refinadas da tonteira. Isto me desumaniza, e principalmente, me desoperariza. Perco esta parte de operário, tão vasta e muito nobre - a melhor parte de mim [...] Atinjo venturas aritméticas sublimes combinando a velocidade do meu pensamento com a velocidade do navio. (p.189).

E quanto mais o turista percorria o espaço desconhecido, mais percebia a vigência de uma lógica diferente, sem dúvida, a caracterização do ritmo, de uma cadência lenta e prazerosa que nasce no fluxo preguiçoso do rio e contamina toda a natureza. Como se o rio Amazonas, associado à ideia de contemplação, de um ritmo de vida que em consonância com os calores amazônicos, tivesse lugar para o ócio e para preguiça. Contrapondo, assim, ao rio Tietê que espelha em suas águas uma cidade já dominada pela máquina, pela velocidade derivada do ritmo da produção industrial. Telê Ancona Lopez (LOPEZ, 1996) faz um breve e sábio comentário a respeito desse outro ritmo da vida existente no Norte e Nordeste brasileiro que tanto envolveu o turista,

o oposto da rigidez do pensamento cartesiano. A Amazônia o seduz com o ritmo de contemplação que adivinha pronto para dialogar com a valorização do ócio criador dos poetas clássicos e a captação sem pressa da vida (p. 97).

O prazer da contemplação desse ritmo mais lento exige uma adaptação no olhar. Pois a modernidade inventa a multidão, a velocidade e uma forma de conhecimento que se constitui pela dispersão, capaz de captar um mundo em constante movimento, conforme assinalou Walter Benjamim (1985). A Amazônia, despovoada, monótona e sublime escapa das armas do conhecimento moderno. Exige concentração, submete o expectador ao seu ritmo. Assim Mário (ANDRADE, 2002), precisa se esforçar muito para deixar-se levar pela monotonia mais sublime que já conhecera.

A foz do Amazonas é uma dessas grandezas tão grandiosas que ultrapassam as percepções fisiológicas do homem. Nós só podemos monumentalizá-las na inteligência [...] O Amazonas prova decisivamente que a monotonia é um dos elementos mais grandiosos do sublime [...] Pra gente gozar um bocado e perceber a variedade que tem nessas monotonias do sublime carece limitar em molduras mirins a sensação. Então acha uma lindeza. (p. 60).

O turista que não recorrer ao exercício do olhar atento, trabalhoso, que não se deter à severa vigilância da reeducação do olhar verá somente, conforme Mário (ANDRADE, 2002):

as ilhas imensas por demais fica no longe fraco que a gente não encontra nada que encante [...] o que a retina bota na consciência é apenas um mundo de águas sujas e um matinho sempre igual no longe mal percebido das ilhas. (p. 60).

Outro aspecto de destaque, que denuncia o grande desejo de Mário em coabitar com o novo espaço, é a quantidade de vezes que ele vai ao mercado municipal para saborear as diversas frutas e especiarias da região, demonstrando intensa vontade de provar o norte e o nordeste brasileiro, por meio de todos os sentidos, não só pela visão, mas através do paladar, da audição, do tato, enfim sentir, viver estar imerso no desconhecido. Acreditando que só assim poderia descrever o espaço visitado em toda sua plenitude.

E assim, Mário busca relatar o inesperado por meio de uma visão descentralizada, uma visão submetida à atenção, ao trabalho sofrido da inteligência. Apropria-se de um cuidado para não fazer uma descrição subjetivista dispersiva. É o que se pode ver quando ele prova o açaí, fruta que apresenta um sabor tão diferente do gosto familiar, do gosto doméstico, percebe-se que o escritor faz um grande esforço para aceitá-la, pois se detém indeciso, confuso, mas com polidez e simpatia apresenta a fruta como sendo humilde e delicada. Como vemos na citação, (ANDRADE, 2002),

O açaí não chega a ser ruim... Pousa macio na boca da gente, é um gosto de mato pisado não gosto de fruta, de folha. E logo vira moleza quentinha na boca, levemente saudoso, um amarguinho longínquo que não chega a ser amargo e agrada. Bebida encorpada que, por mais gelo que se ponha, é de um quentezinho amável, humilde, prestimoso. É um encanto bem curioso o do açaí... A gente principia gostando por amabilidade e depois continua gostando porque tem dó dele. (p.164).

Quanto à degustação do caju e da culinária baiana de nome efó verifica-se uma relação de reciprocidade entre os estrangeiros (Mário e os alimentos), pois descreve a sensação de comer caju, como uma fruta que ao ser devorada, também devora.

[...] todas as frutas se entregam por demais, caju não: o prazer singular dele está na espécie de interfagia, me desculpem, de entrecomilança, específico dele. Ele morde a boca da gente, vai nos devorando por dentro." (p. 215).

Ocorre assim um confronto entre duas alteridades, Mário e o caju e Mário e o efó, um devora o outro. Mário descreve o efó, como um prato masoquista devido à sensação de estar sendo comido por dentro. Esse diálogo fascinou o escritor que se rendeu e aceitou ser tragado pelo prato típico baiano. "É terrível, mas gostosíssimo". (ANDRADE, 2002: 176).

Percebe-se um momento de grande dificuldade para o narrador, de **O turista aprendiz**, quando ele decidiu participar de um cerimonial de macumba, pois pelos registros, vê-se que Mário apresentava características de um homem branco europeu, católico, "Nunca no mundo improvisei" (ANDRADE, 2002: 61), mas que, nesta viagem busca, desesperadamente, se reeducar, aceitar o diferente, o estranho, por um fim aos conceitos absolutistas. Assim o poeta descreve no diário que sua participação nesses rituais mexeu demais com sua consciência convictamente católica. Mas o desejo de o itinerante conhecer as proezas, os costumes, crenças e valores brasileiros, era tão grande que ele se prontificou a

participar de uma sessão pra "fechar o corpo", em Natal, na última sexta-feira do ano, 28 de dezembro, dia propício para feitiçaria. Conforme nos mostra Mário (ANDRADE,2002),

Mestre João sem paletó, mangas de camisa arregaçadas para matéria dos braços estarem puras, iniciou o cerimonial. Foi o momento mais difícil pra mim. A mistura de santos católicos chamados pra abençoar o trabalho, São José, São Benedito, a invocação constante de Deus na pessoa de Jesus, Santa Luzia [...] tudo com ar malandro de mistificação, repugnou por demais à minha consciência convictamente católica (p.225).

Esse é o olhar de Mário, atento e sagaz que se esvazia do capricho do ego, que tudo sacrifica para ver e saber. O olhar atento é, em si mesmo, operante, pois trata-se do trabalho da percepção, do trabalho da comparação, reflexão. Visto que o poeta contrapõe o que ele vê pessoalmente com aquilo que estudou, leu, aquilo que aprendeu pelo olhar do outro, portanto, trava-se um embate entre o eu e o mundo de modo que à medida que o navio avançava, rumo a um lugar desconhecido, ele se esforçava para recobrar o equilíbrio e se reunificar. Ou antes, perder o caráter de uma vez e se entregar à embriaguez, à tonteira proporcionada pelo balanço do navio, pelas maravilhas vislumbradas no espaço visitado, pelo insólito encontrado em tudo que presenciou durante a viagem. Como se fosse o aniquilamento de si mesmo e o ressurgir de um novo ser, isento de regras, um ser livre, capaz de olhar o mundo sem os padrões e conceitos preestabelecidos pelo mundo patriarcal, católico do homem branco, como se os olhos arrebatassem todo o corpo na sua empresa de exploração da alteridade, no seu instinto de investigar e compreender.

Em junho de 1927, Mário escreve uma carta a Manuel Bandeira contando como fora tragado pela região visitada, surpreendido pelo espaço desconhecido, sentindo que aos poucos se "desumanizava" principalmente se "desoperarizava". Segundo Marcos Antônio (MORAES, 2002),

A gente percebe quando sairá alguma coisa do que vai sentindo. Desta vez não percebo nada. O êxtase vai me abatendo cada vez mais. Me entreguei com uma volúpia que nunca possuí à contemplação destas coisas, e não tenho por isso o mínimo controle sobre mim mesmo. A inteligência não há meios de reagir nem aquele pouquinho necessário pra realizar em dados ou em base de consciência o que os sentidos vão recebendo.(p.346).

Mário percebe, então, que o primitivismo estético postulado pelas vanguardas européias estava muito próximo, bastava olhar com "olhos nus", enxergar o cotidiano popular com suas cores e formas, observar a vida do povo de forma mais atenta. Refletir com mais empenho sobre o conto, a música, o verso popular. O escritor nos confessa "vivo de um lado pro outro em busca de quanta festa, quanta chegada, quanto boi se ensaia, quanto coco de dança, levando pra casa quanto cantador encontro" (ANDRADE, 2002: 238). Mário trabalha sem cessar na recolha de informações, fatos, conhecimentos, tudo que pudesse fornecer dados para reflexão e estudo da cultura brasileira. E assim confirma-se que **O turista aprendiz** corresponde ao 'tempo gestacional' da obra mais aclamada de Mário de Andrade: **Macunaíma**.

Como bem revelou em uma carta a Manuel Bandeira, parece que a região amazônica dialoga com o turista, conta a sua história, mostra suas belezas e dificuldades, revela todas as matizes do crepúsculo, todas as revoadas, todos os odores, a maleita, a pobreza, os carrapatos, o calor infernal. Mário, então

compactua com o espaço, com os habitantes e com tudo que orna as regiões visitadas. Sendo, na ótica da polifonia, um personagem que está em aprendizagem, em evolução. Conforme notamos nas palavras do poeta, (MORAES, 2000),

O Amazonas vai sendo camarada conosco, mostrando tudo o que possui, jacarés, até o morto descendo o rio e com a barriga estufada pra riba, bandos de garças de duzentas e mais, toda a passarada do museu Goeldi, todos os jeitos de tardes, de noites, de manhãs, e meios-dias, e todos os peixes e frutas pro nosso paladar. (p.345,346).

Nesse sentido, Mário permite que o outro seja uma consciência atuante e não simples objeto receptivo de um sujeito que tudo enforma e comanda. Consente que o outro seja uma entidade viva, falante e veiculadora das múltiplas facetas da realidade. E, assim, se cria um universo polifônico, rico em troca de conhecimentos e das adversidades culturais, capaz de chegar à verdade por meio da isonomia. Mário percebe, então, que as coisas vislumbradas reivindicam a existência como indivíduos.

É o olhar que dispensa à subjetividade dispersiva, prepotente ou caprichosa, portanto, o olhar do poeta é aquele que exige concentração no objeto, que é propriamente a atenção. Mário, então observa os espaços à luz da atenção, pois sem esse cuidado, a vontade se esvai em veleidades, em ilusões. A maneira que o escritor descreve as tradições populares, as manifestações de sua terra, a paisagem e as cores brasileiras, revela um trabalho árduo de reflexão, de vigilância delongada capaz de captar aquele momento átimo, imperceptível, momentos que fazem o poeta se extasiar de felicidade, momentos de epifania. Como ocorre quando o turista partindo de Guajará Mirim, na Bolívia, vislumbra um luar encantador, (ANDRADE, 2002),

E desce um luar sublime sobre a terra. Tudo em volta do trem é de uma luminosidade encantada, cheia de respeito e de mistério. E eu canto [...] Canto ao luar, dasabaladamente em puro êxtase descontrolado [...] o que eu sinto dentro de mim! Nem eu sei! Não poderia saber, nem que pudesse me analisar, estou estourando de luar, tenho este luar como nunca vi, me... em mim, nos olhos, na boca, no sexo, nas mãos indiscretas. Indiscretas de luar, nada mais. Sou luar! E de repente me agacho, fico quietinho, pequenino, vibrando, imenso, fulgurando por dentro, sem pensar, sem poder pensar, só. (p.138).

E assim num texto carregado de sensibilidade e poesia Mário deixa a todos os turistas e a todos os leitores um convite à aceitação do outro, a saber, partilhar as diferenças, a entender que a relação alteritária não implica em sobrepôr, assimilar ou destruir as experiências particulares, é uma relação pacífica de complementaridade e interdependência, é o aprender com o contrário. Afinal, a luz precisa da escuridão para brilhar; o belo precisa do feio para aparecer e o Brasil precisa de todas as suas contradições para se firmar como uma nação, assim como opera a oposição na vitória-régia de Mário (ANDRADE, 2002),

Noite chegando a vitória-régia roxa toda roxa, já quase no momento de fechar outra vez e morrer, abre afinal, com um arranco de velha, as pétalas do centro, fechadas ainda, fechadinhas desde o tempo de botão. Pois abre e lá do coração nupcial da grande flor, inda estonteada pelo ar vivo, mexemexe ramelento de pólem, nojento, um bando repugnante de besouros cor-de-chá. É a última

contradição da flor sublime... Os nojentos partem num zumbezumbe mundo fora, manchando de agouro a calma da lagoa adormecida. E a grande flor do Amazonas, mais bonita que a rosa e que o lótus, encerra na noite enorme o seu destino de flor. (p.83).

## **BIBLIOGRAFIA**

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**; estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2 ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

\_\_\_\_\_. **Bakhtin conceitos-chave**. 3 ed. São Paulo: contexto, 2006.

BOSI, Alfredo. **Modernismo de Mário de Andrade**. Folha de São Paulo. São Paulo, 08/02/1992. Ilustrada.

CLIFFORD, James. **Entre a Enografia e a Literatura**. São Paulo, 2002

COELHO, Marcelo. O Infundável Mário. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 ago. 1996. Caderno Mais, p. 9.

COELHO, Nelly Novaes. **Mário de Andrade para a jovem geração**. São Paulo: Saraiva, 1970.

KRISTEVA, Júlia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KRYSINSKI, Wladimir. **Dialéticas da transgressão** - o novo e o moderno na literatura do século XX. São. Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

HÜHNE, Leda Miranda. **A estética aberta de Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2002.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Mariodeandradiando**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MORAES, Marcos Antônio. **Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira**. São Paulo. Ed. da Universidade de São Paulo-USP, 2000.

MOUTINHO, Nogueira. **O grande improviso de Mário de Andrade**. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 nov. 1976. Ilustrada.

NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PAZ, Otávio. **Os Filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. **A outra voz**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1986.



SILVA, Lúcia Neiza Pereira da. **Mário Universal Paulista: algumas polaridades.** São Paulo: SMC: Departamento de Bibliotecas Públicas, 1997.

SOUZA, Gilda de Mello e. **A ideia e o figurado.** São Paulo: Duas Cidades, 2005.